

DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS



Preços das assignaturas

COM ESTAMPILHA	SEM ESTAMPILHA
Por anno..... 3\$800	Por anno..... 3\$000
semestre... 1\$900	semestre... 1\$500
trimestre... 1\$000	trimestre... \$800

Subscree-se e vende-se unicamente em Aveiro no escriptorio da administração, Largo de S. Gonçalo, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia, franca de porte. — Os manuscritos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos. — As assignaturas serão pagas adiantadas. Folha avulso 40 rs.

Preços das publicações

Annuncios, por linha.....	15 rs.
Ditos repetidos, por linha.....	15 rs.
Correspondencias d'interesse partic., lin. 20 rs.	
Ditas d'interesse publico =	gratis.

EXTERIOR

França. — Diz-se que a submissão do general Cortina deixou o presidente Juárez completamente desamparado e na absoluta impossibilidade de receber do norte os recursos que podia esperar para a prolongação da luta.

Napoleão tem sido muito entusiasticamente acolhido na sua viagem.

Diz-se que a crise financeira que ha na bolsa de Paris vae declinando.

O numerario augmentou rs. 16:000\$

As notas e valores em carteira augmentaram tambem 1.925:000\$000 réis.

Nas notas em circulação ha mais rs. 1.440:000\$000.

Contas correntes augmentou 5.120:000\$ réis.

O credito sobre o thesouro diminuiu 5.120:000\$000 réis.

Attribui-se ao governo francez o projecto de modificar a legislação para facilitar o estabelecimento das sociedades de credito popular á imitação dos bancos populares de Allemanha: providencia que, se se levar a cabo, será de grande importancia.

O periodico «La France» tacha demasiado grave a declaração do ministro Lanza, e espera que a rectificará por meio de uma communicacão official para desvanecer todas as duvidas e difficuldades a que poderia dar logar a sua interpretação.

Inglaterra. — As correspondencias chegadas pela mala das Indias occidentales contém horrosos pormenores relativamente ao terrível furacão que houve em Calcutá.

Calcula-se que as desgraças pessoais e as perdas materiaes terão maior importancia do que se julgára a principio.

Allemanha. — Chegou a Postdam o imperador Alexandre.

No dia 5 devia sair o imperador da Russia para Paris.

Os prussianos deviam começar no dia 3 a evacuar a praça de Alberg.

São falsos os boatos da nova crise ministerial.

O tratado de paz entre a Dinamarca, a Prussia e a Austria, assignado a 30 do passado em Vienna, tem vinte e quatro artigos.

O rei da Dinamarca cede todos os seus direitos sobre os ducados do Schleswig Holstein e Lavenburgo a favor do rei da Prussia e do imperador da Austria.

Como equivalente dos territorios jutlandezes que a Dinamarca ceda aos ducados; deixar-se-lhe uma parte do Schleswig dinamarquez.

O artigo 6.º estipula a nomeação de uma commissão mixta composta dos plenipotenciarios prussianos, austriacos e dinamarquezes que se encarregará no terreno de decidir os pormenores da nova linha de demarcação.

O artigo 7.º e os seguintes tratam das questões financeiras. A quarta parte da divida dinamarqueza que fica a cargo dos ducados, eleva-se a 20 milhões de rixdalers, uns 14:080:000\$000 rs.

A Dinamarca obriga-se a devolver os navios de commercio allemão e o seu carregamento em quanto não forem vendidos.

Dinamarca. — A commissão do Folksting, propõe auctorisar a continuação do bill de indemnização.

Russia. — O «Invalido Russo» diz,

que as visitas que recebeu o czar de varios soberanos, foram de pura cortezia, não tendo character politico, e acrescenta que a Russia não busca nenhuma alliança, preferindo conservar a liberdade de acção.

INTERIOR

Aveiro, 10 de novembro

A commissão encarregada do inquerito do serviço do caminho de ferro, acaba de declarar fundadas as queixas que a imprensa periodica tem formulado contra a companhia exploradora. Nenhuma duvida podem soffrer as asseverações da mesma commissão, porque são o resultado de um exame minucioso e scientifico.

Segundo ella, é mau o horario actualmente estabelecido, e urgente a sua modificação. Accusa falta de policia, segurança e commodidade para os passageiros. Nota o mau estado do material de tracção, e a sua falta, encontrando machinas em estado de não deverem continuar em serviço, e outras teudo-o demasiado. Reconhecem a falta de policia no trajecto das linhas e estações e falta de pessoal, e este mal retribuido.

Como se vê, estão justificadas todas as arguições feitas á companhia exploradora; cumpre agora ao governo prover de remedio todos os males que podem ter como consequencia, além de graves transtornos para o commercio, o perecimento de muitos cidadãos.

Uma portaria do exm.º ministro das obras publicas começa a exigir da mesma empresa, o cumprimento das obrigações a que ella está sujeita pelas condições do contracto. Devemos esperar que o novo horario seja apresentado até ao dia 16, e nesse dia comece a vigorar; mas não é isso bastante — muito mais cumpre fazer.

O material de tracção merece attenção especial. Carece elle de estar em boas condições de trabalho e de ser abundante. Sem isto o serviço mal pôde ser regular, como difficilmente se pode prevenir qualquer incidente que circumstancias eventuaes occasionem.

Em quanto a via não estiver definitivamente consolidada e ao abrigo das alterações que as chuvas lhe hão causado é muito necessario ter machinas de reserva em diferentes estações, afim de que estas suppram as que imprevisivelmente se inutilisarem, e isto não pode ter logar com o pequeno numero dellas de que a companhia dispõe.

A policia da linha cumpre que seja vigilante afim de evitar os embaragos, filhos das alterações de terreno como até os que por ignorancia ou maus instinctos possam ser produzidos. Deve o pessoal de fiscalização ser augmentado e melhor retribuido. Ao seu demasiado trabalho se devem as mortes que se têm dado como consequencia do somno.

Em fim deve attender-se tambem a commodidade dos viajantes, que presentemente não é muita. Tudo isto esperamos seja exigido pelo governo e pela companhia cumprido.

PORTUGAL

Pobre e venerando velho, quem és

tu? qual é a razão por que choras, assentado á beira do Oceano? Diz-me, que manto roto é esse com que te cobres? Porque choras com as ondas, e suspiras? Que livro é esse que tens na mão? A corôa que tens proxima a ti, já não é tua, já não te adornou a nobre fronte? Que cruz é essa? Porque tens a tua espada partida aos pés? Que bandeira é essa que tens enrolada? O velho, responde, quem és tu? O braço longo e robusto agora cahido, nos gestos ainda mostra de o trazer erguido, sem temer senão ao Altissimo. Dize, quem és, que Hercules prostrado? Que guerreiro? Que senhor? Que monarcha vencido?

« Quem sou... quem eu fui? A terra inteira que o diga, já que o aprendeu, diga-o ella na paz e na guerra. Quem fui digam-no cem povos, digam-no os novos climas, por onde eu transitei, digam-no os christãos, os mouros, digam-no os louros e tropeus, porque eu já nem dizello sei.

Porque chorarei eu? Porque os trilhos da honra, que na estrada fiz, não são trilhados pelos filhos que Deus agora me deu! porque a minha fronte humilhada e abatida, e minha barba enriçada está na mão de villões, porque vou pobre e humilde de dia em dia arrastado ao sepulchro das nações.

Gemo e choro com as ondas, porque estas no tempo do meu poder e força, viram-me as mais bellas glorias, e agora gemem de as não verem. Viram-me infante no berço, depois erguer me um gigante; ao mundo traçar novas raias, tomar o sceptro na mão, e ir de praias em praias cingil-o como tambem vão ellas.

Este manto? Já foi um manto real, vós haviéis de vel-o sem nenhum rasgões, como não havia nenhum; ninguém lhe tocava, e tudo o que elle cobria com sua sombra estava seguro, e se lhe tocassem, veriam como em lanças logo se erguiam as proprias pedras. Viessem com a confiança que hoje vem cuspir-lhe; viessem as naus de França, que vinham bem então. Mas hoje?... depois de roto?...

O livro? E' o livro da historia do meu povo, cantada n'um canto que ninguém cantou; o livro é a minha lembrança, Camões é o meu testamento, e quanto de mim agora ha.

A corôa? Sim era minha, e eu a fiz por minhas mãos; ninguém a tinha mais rica; de irniões era um emblema; e a joia, que mais luzia, era o amor dos povos.

Esta cruz? É a que eu trazia ao pé da espada christã, é a cruz que eu plantei; arvore que libertava nas terras que conquistei; é a cruz dos valentes, e que para Deus convertia mais nações.

A espada? A espada despedaçada, era a espada, que eu finha; mal eu a desembainhava, logo ramo de louro na mão; era a do filho Henrique, terror dos mouros no campo d'Ourique; era a do mestre condestavel, do direito, e do valor.

A bandeira enrolada? Era a minha, a côr o mostra, branca immaculada, como é a honra do paiz. Era a bandeira, que logo que se levantava, logo o leão de Castella fugia aterrado. Agora tenho-a enrolada, e outra... outra... e por quem? de estrangeiros, que ondêa, e poz sombras nas esquinas, das quaes pouco se divisa. Agora as aguias, que passam a face me acoitam, vejo-as fugir, e apenas posso chorar... chorar! E duas vezes.

Agora depois de me atar ao seu carro (Leopardo) depois de me vir mutilar, por mão d'um meu filho, poz-me ali nos altos mares, guarda dos escravos, e se vê a mão erguida no ar para dar a bofetada, deixame receber-a. O meu pranto é agora pois, o que ainda nobre me ficou; tenho saudades do que já fui, e vergonha do que sou agora.

Tens razão, triste velho, mas muitos peitos dos teus filhos verás não se sujeitarem á vergonha, e á dôr, e que a força não os faz bastardos.

J. M. H. T.

Publicamos em seguida a carta que nos dirigiu o sr. Caldeira, chefe da estação do caminho de ferro, taxando de fabula o que dissemos no n.º 363 deste jornal com relação ao caminho de ferro, a que temos que acrescentar o seguinte.

Pessoas de toda a consideração affiançam-nos que na noite do dia 2 do corrente, depois dos passageiros terem entrado no comboyo ordinario que havia de seguir para o Porto, partiu este, mas quando tinha andado alguns metros retrocedeu e esperou cerca de 20 minutos pelo comboyo do correio que vinha do Porto.

Um dos viajantes que estava no comboyo ordinario concebeu o retrocesso do comboyo como nós o contámos, e deu-nos conhecimento do facto que por dever, sómente, stigmatizamos.

Perguntado segunda vez por nós diz ainda não iamos a 10 metros da estação quando houve ordem de voltar, dada por um homem que gritava a par do comboyo — para traz, para traz. — Esse homem disse eu, devia ser chefe da estação porque me pareceu ter galões de ouro no bonet.

E' isto o que nos assevera pessoa de inteiro credito; e se não é verdadeira a interpretação que lhe demos, ao sr. Caldeira cumpre illucidar o publico, antes que taxar de fabula o que publicámos e entrar nas intenções do nosso proceder que só o motivou o desejo de prevenir, e nunca o de offender algum dos empregados do caminho de ferro.

Sr. redactor.

Em o n.º 363, de 5 do corrente, do «Districto de Aveiro» publicou V. um artigo sobre cousas do caminho de ferro, no qual houve inexactidão.

Como chefe da estação desta cidade, cumpre me relatar os factos quaes se passaram, e sem confeição da minha parte.

Os comboyos do dia 2 chegaram aqui mais tarde por causas estranhas á minha vontade, e quando partiram houve todas as prevenções necessarias feitas pelo telegrapho como é uso e costume, havendo todo o escrupulo da minha parte, por que é grande a minha responsabilidade, e sei cumprir as obrigações a meu cargo.

Escusado é pois acrescentar, que é uma perfeita fabula, o ter partido atraz de um comboyo um dos empregados, chegando a alcançal-o, referencia que V. faz talvez para cubrir de ridiculo a viação accelerada.

Com a publicação destas linhas fica restabelecida a verdade dos factos.

Sou de V. etc.
Estação d'Aveiro, 7 de novembro 1864.

José Telles Caldeira.

A reedificação do paço episcopal desta cidade é de tão reconhecida necessidade, que não podemos deixar de juntar os nossos votos, para que se consiga o que tão de veras desejamos.

Aquellas paredes desamparadas, e rachadas como se acham offerecem ruína, o que não é muito d'admirar, attentas também as más condições do terreno, que é pouco seguro, naquelle logar.

Reedificar aquelle edificio é uma necessidade urgente, e demais precisando a alfandega de ser amplificada como demonstra a Associação Commercial desta cidade na sua representação a S. Magestade, o governo lucra com a reedificação, podendo também servir para todas as repartições publicas, para o que tem as proporções necessarias.

Andando a repartição das obras publicas por casas d'aluguer, e precisando a camara de um edificio para o ensino primario, o edificio incendiado offerece capacidade para tudo, pela grande area do terreno que occupa, e dividido convenientemente dá logar a todas as repartições, e com largueza.

Que o governo deve sem demora acceder ás representações, é o que nos parece de grande alcance.

Tambem as despesas com o levantamento do edificio, não serão grandes, se se tiver em vista os materiaes, que se podem aproveitar, e de fazer em salões amplos divididos por meio de tablados, como se acha a repartição de fazenda no lyceu, o que é muito commodo e elegante.

Por tudo nos leva a crer que devemos esperar do governo este melhoramento, porque as obras no lyceu, foram por ordem do mesmo feitas provisoriamente.

Ainda que no lyceu se achem as repartições, não tem comtudo a sufficiente capacidade para as repartições, principalmente do governo civil, que precisa mais d'um salão para as reuniões da junta, conselho de districto, inspecção, typographia, e expostos.

As aulas tambem soffreram, principalmente a aula de desenho, que precisa ser ampla para conter as mesas, em que se desenha, o que não pôde ser, porque os salões do segundo andar, todos teem amphitheatros, e o da aula está occupado pelo governo civil, e o outro fronteiro pela secretaria do lyceu e sala para os exames.

Portanto confiamos no governo remediar tudo isto, mandando reedificá-lo.

Não achamos necessario mais para encarecermos esta necessidade, que julgamos urgentissima.

V.

Fallou-se ali, não sabemos com que fundamento, na mudança do corpo 6 para esta cidade.

E' de tanta necessidade a permanencia de um corpo de tropa nesta cidade, que julgamos opportuno fallar de novo nella.

Temos tantas vezes fallado neste assumpto e sempre baldadamente; ha pouco um jornal de Lisboa, occupou-se tambem desta questão, porém teve o mesmo resultado, que nós temos tido — o esquecimento.

N'outro dia que o sr. ministro da guerra para aqui prometteu um, a camara oppoz obstaculos, o que transtornou tudo, ficando no mesmo estado.

Não sabemos, repetimos, que fundamento tenha o que acima dissemos, porém, como as cousas se não dizem sem alguma razão, desejavamos que nos ouvissem e nos callassem, mandando para aqui um corpo permanente.

V.

Albergaria, 4 de novembro

(Correspondencia particular.)

Meu caro redactor. Continuo a colaborar o seu acreditado jornal. A paciencia de v. é illimitada, e por isso acolhe sempre com benevolencia os remendos litterarios que vou atirando á luz da publicidade, não se recusando a publicar os temiveis abortos que saem dos rombudos

bicos da minha penna. Agradeço tantas finezas, já porque me anima a continuar, e já porque vou estudando as necessidades locais deste districto, e concelho d'onde escrevo.

Magôa-me a idéa de ser pequeno no mundo litterario, porque dezeitava ser útil á patria, e á terra que deu o ser ao maior vulto da tribuna portugueza; e já que fallei n'elle, já que a minha debil penna fallou n'esse vulto respeitavel, quero cumprir com um dever sagrado, um dever que a amizade me impoz.

Faz hoje annos que baixou ao tumulo aquelle cuja voz ecoava na tribuna como o grito unisono do povo! Era elle que apoz si arrastava as massas do povo; que podia a liberdade, soffrendo por ella todas as consequencias d'un cataclysmo politico que envolveu Portugal durante 20 annos.

José Estevão não era o Mirabeau da Tribuna: era o interprete do povo que lhe concedia o diploma de seu representante em côrtes; não era o tribuno parlamentar, era o pae d'aquelles cujos grilhões do despotismo algemaram! Era o filho da liberdade pugnando sempre pelos interesses do paiz que o viu nascer! José Estevam quando a persiguição levava os filhos de Portugal aos patibulos, repartia o seu pouco com os muitos que tiritavam de frio e fome. Alem-mar, José Estevão, já orador popular, animava as santas crenças da liberdade, pedindo resignação e coragem para a luta que devia irromper nos plainos d'Açores, Terceira e depois praias do Mindello.

Ali, não era só a sua voz, era o seu braço, a sua bolça, o seu coração.

José Estevão era um soldado de velhas crenças, d'um pundonor patriótico, que se não vergava ao dinheiro nem ás promessas cavilosas. Firme, resignado, e popular lá caminhava no tremedal da lucta, e vendo o inimigo na sua frente o furor da victoria refervia-lhe no corpo, com impetos espantosos. Depois, passados annos a sua voz estontearia ecoava na tribuna, e os seus amigos e politicos escutaram-o com relogiosa attenção. Até o rei philosopho; aquelle cujos dotes d'espirito eram olhados como uma scintilla de luz divina, ia escutar o Mirabeau portuguez, e sorria-se das espirituosas phrases que saíam em turbilhão dos labios que poucos annos antes tinham pronunciado a palavra liberdade.

E hoje, quem és tu, José Estevam?

Quem te pede o teu braço vigoroso para a lucta politica? quem te chama da gelidez do sepulchro, para fallares ás turbas com a tua linguagem d'ouro? quem és tu, tribuno denodado, que não te levantas do ser primitivo da humanidade para plantares outra arvore, que dê os fructos que nos deu a de 1834? José Estevam, quem pôde escutar ainda o ranger de teus membros na deslocção do cadaver, e n'elles ouvir o hymno da liberdade, que ha 8 annos te incendiava o coração, a alma, e a vida! José Estevão, ainda não morreste: a tua voz ainda se representa n'esses espaços indefiniveis do hymnosphero como o cantico divino dos anjos, como a verdadeira magia que nos leva ao infinito, se possivel fosse tocar as suas raías?

Não morreste, não; o homem não morre; esse barro disforme, esse cadaver gelido e immovel, é que se acabou. O anjo do exterminio ceifou te da vida material, mas, ainda vives, como vives as recordações indeleveis dos que nos deram o ser. Vives, sim, porque o teu nome está escripto em todos os corações portuguezes. Foste o homem, que comprehendente o Decalogo, e quando a tua alma se dilatava, era quando a tua bolsa emmagrecia. Exemplo de Socrates e outros o desejo da riqueza era um mytho a teus olhos; e só quando o infeliz te pedia pão, era que sabias melhor a lei divina.

E' escusado fazer a apothese das tuas virtudes. O teu nome é a melhor recommendação. E' elle ainda, que faz respeitar o teu tumulo, e a tua memoria. Repouza, descança n'essa mansão da eternidade, e se a tua alma vive na bemaventurança não esqueças as duas esposas que tiveste na terra — a patria, e a mãe de de teus filhos.

Não ha noticias de interesse desta terra, a não ser a appareição do «Vezicatorio», que vem sempre recheado de famo-

sas sandices, e que constitue em si o fac-simile dos seus auctores, que a opinião publica começa indigitando, e dizendo, que melhor fóra occuparem-se das mazelas que lhe corrompem a sua vida depravada e licenciosa.

São estes os apostolos da moralidade, que aprêgoam virtudes, e se apresentam em publico com a cara descoberta sem tingirem as faces, ou asparem o ferrete d'ignominia que os faz conhecer na sociedade. São estes os evangelizadores do Decalogo social, e que sobem ao pulpito, aprêgoando as torpezas do seculo, que teve a desdita de os ver nascer.

Com taes bonifrates deve o concelho d'Albergaria caminhar sempre.

E as auctoridades a consentirem esse pasquim!

Brevemente nos occuparemos dos heroes que dão vida ao «Vezicatorio», e para que se conheça bem quaes são aquelles que ferem reputações illibadas.

Até breve.

H. da Cunha.

VARIÉDADES

Continuámos a copiar do nosso collega da «Justiça» o seguinte:

Lamentações do ex-deputado por Agueda, Manuel Firmino d'Almeida Mala.

(Continuado do n.º 362.)

VII

Oh! ceus! é tão pungente a convulsão de raiva, que me embarga no rouco canudo da minha garganta a voz, que bem me assemelho ao estertor ancioso do agonizante, que se debate com os ultimos momentos da existencia, que lhe foge.

Estou horrorizado de mim mesmo, ao contemplar por um lado o eboramento do pedestal de greda, sobre que se firmava acuradamente empapelado o meu poderio ôco e farelento, e pelo outro a desesperança de revel-lo, e de me vingar o meu bom Villena, pallido e horrído espantalho dos lugubres môchos, a quem, quando elle mais prodigios engendrava com as mãos e com os pés por entre frequentes empachos, os propugnadores da verdade, honra e justiça, souberam enforçar em perfeitos artigos por tal forma, que difficilmente poderá metter pelos olhos dos credulos em estylo agarotado os artigos, mesclados das mais eruditas arlequinadas, que vendia a molhos aos seus confrades chichisbeus.

Pareço um espectro, que se escapasse pelo adito do tumulo para quebrar a soidão dos cemiterios com a vagarosa e lugubre linguagem do outro mundo!

Para mim já não ha esperança na terra, nem talvez no céu: fui forçado a esconder-me no manto da minha antiga obscuridade, que me cobriu de todo a luz da minha gloria por toda a eternidade.

Julgava governar o mundo em secco, quando em figura apoltronada, inclinava para uma das minhas compridas orelhas o meu barrete de pelle de toiro, como estadista dos negocios do meu retrocido estomago, e mathematico de arithmeticas: mas apesar de andar todo empantufado, mostrando com altivez aos meus contrarios, a minha embonecada e pantufada cara em ar de desprezo por tudo o que me não curvasse o joelho, fui empurrado para uma tal dança, que, por mais que fizesse a confissão modesta da minha ignorancia, nunca pude mover a clemencia.

O desprezo, a que todos me tinham condemnado, aticava-me uma tal raiva, que andava sempre aos buleus por entre as minhas derrotas!

Como o cysne triste e melancolico, que, acereando-se de Meandro, deplora em luctuosas endechas os ultimos progressos da vida, assim todos os devotos da moral publica vieram em procissão lançar-me na cova agua-benta, entoando o *de profundis*, e acabando de me descobrir o topete, manchado de negras nodos, o qual eu tão bem soube mascarar de falsa virtude.

Fui banido e abandonado eu, que não

tenho outro crime, senão o de zelar os interesses do meu retrocido bucho e o de não poder desembargar a voz que se me colla no concavo sonoro da minha bocca, como o cimento em abobada de um tunel, e d e metter por luminarias candeias, e por candeias albardas, nos papalvos, que não teem deixado de engulir todas as minhas embrulhadas, pelo que se teem exposto por mais de uma vez á zombaria da gente seria e honrada.

Já não posso obstar a que caiam todas as minhas esperanças, porque em terra já ellas estão ha muito.

Por isso estão quasi obstruidos os canaes auriferos, que enchavam o meu atonelado bojo.

Já vai declinando para o estado de ôdre *escorrepichado*: e os grilhões dos meus tormentos vão-se encadeando de tal modo, que, dentro em pouco, não ha nada que os rompa.

Ah! quem pôde neste mundo crer nos vãos phantasmas da ventura, se quando o homem julga que ella vigora e se expande encarnada em perpetuas realidades, vem então as mais rebuznantes desventuras desbaratar os mais doces encantos, e aniquilar as mais risonhas aspirações?!

Quando eu julgava livre de se despedaçar nos despenhadeiros da desgraça a minha empolada posição de orador de côcaras do parlamento portuguez, onde alimentava o appetite dos meus collegas com esquisitos refugados de asneiras, feriam-me fatalmente as azas da tempestade de travessos males, como o inexperado relampago, que bracejando nas trevas de humida noite as suas igneas e retrocidas fitas, recalca no peito do viandante, perdido em invios ermos, horrído pavor, ao enroscar-se por entre os ramos de umbroso carvalho, que lhe fica na frente.

No meio, porém, de tantos males, que me angustiam, e de mim se agarram, ferindo-me gravemente e devorando-me o peito, tenho — ao menos — um sorriso de consolação para mandar aos labios affoguetos.

E' que no giro adusto da atafona das minhas maldades e imposturas, que se me regorgitavam por todos os lados nunca perdi occasião de empoeirar as verdades, que me tocavam pela roupa, e de lançar astuto o meu anzol com isca de ouro para pilhar n'elle os pobres chichisbeus, que depois os punha na espinha.

E por este modo por muito tempo os trouxe encadeados á minha vontade, como o caçador uma matilha de mollossos.

Desentranhava delles o que queria: umas vezes mandava-os á urna votar no meu nome, e elles iam submissos e humilhados, como potros bravos e fogosos, julgidos a uma quadrida, debaixo de uma perenne saraiva de chicotadas: outras vezes ordenava-lhes que me dessem vivas, que me tocassem as suas charamelas, e que me assobiassem os seus pifaros de cana, e elles corriam, como minhotos, prestar homenagem á minha vontade, ou antes immolar a vontade delles no holocausto da minha.

Mas esse jardim das Hesperides, onde os seus pomos de ouro me saciavam o bom gosto, foi invadido por estrangeiros, assolado e destruido: mas esses tempos de ouro foram substituidos aos de ferro: mas esse paraizo de venturas foi talado pelo tufão da desgraça, que correu por elle violento e procelloso, e n'um momento aniquilou todos os seus deliciosos encantos.

Hei de — ao menos — amaldiçoar tanta ingratição, e chorar os progressos do meu talento sublimado por discursos empachados, e por escriptos pellitrapos com que, além de me elevarem um busto de barro de panellas, obtive para o meu circulo e para Aveiro grande e variado sortimento de melhoramentos transaereos!

VIII

Montado na minha intelligencia apparatusada, e soccorrido pelo meu querido Villena, gigante minhoto na grande forja de produções mancas, persuadi-me sempre de que nunca se desencarrelhariam dos eixos da ambição as minhas audazes e arroçadas aspirações.

Era tão fanatico pela realisção de tudo o que me latejava no meu ôco tontico, que excedia a loucura de Mesmer e

Cagliostro, quando ao mundo disseram que tinham feito descobertas, que de-de o momento em que puzessem em pratica os seus systemas, a intelligencia humana estava salva do cataclismo da ignorancia, em que se tinha afundido.

Para satisfazer o appetite intellectual dos meus collegas e de todo o paiz desatava-me constantemente em alambicados discursos, que faziam as delicias de todas as intelligencias surdas, gotosas e asmaticas, como a minha, as quaes me apoiavam freneticamente com uma corneta acustica.

E, apenas ella era atacada por uma 6.^a apoplexia, os horisontes das minhas esperanças dilatavam-se e estendiam-se, e o meu estro gafenho, jorrando em alambicados pedaços da mais bolorenta facundia pelo arqueado forno da minha bocca, fazia tudo em *frangalhos*.

Todos os melhoramentos, de que precisam as imperiosas necessidades dos habitantes do espaço, caíam approvados sobre as mezas do parlamento, como a neve, que ao começar a destilar-se em agua, quando o sol despeja das suas urnas de fogo em vertentes seus chammejantes raios, despega-se das rochas, a que estava soldada, e vem rolando em alvejantes pedras até as caldeiras profundas do valle, onde pára.

E eu sentia arquejar no meu fero coração um entusiasmo tal, que me engasgava, como catharro turbulento e teimoso, que se agarra ás guellas e as lima, como aspera e dura lixa.

Mas insistia, esganiçando a voz, e dando taes arrauços, que a minha salitrada declamação guinchava á similhaça dos silvos do vapor, e abria estradas para a intelligencia dos meus collegas, por onde empurrava a pontapé, e a bofetão a mais concludente convicção.

Era um gosto ver os debuxos, com que eu fabricava as mais sabias parvoices, e os conceitos, com que expunha as mais afarçoladas e symetricas argumentações, habilmente gaguejadas.

Taes fascinadoras maravilhas causam os meus enfartados e indigestos discursos, que as realidades monstrosas, que alcançavam pareciam ao paiz illusão de optica, miragem, dioramas ficticios e nada mais.

(Continúa.)

NOTICIARIO

As novas conquistas. — Extractamos do jornal «O Defensor do trabalho» o seguinte periodo, em que o sr. Carlos Borge descreve n'um folhetim bem elaborado e digno d'elogio, o novo poemeto do distincto e mavioso poeta Thomaz Ribeiro, recitado no theatro de D. Maria, pelo actor Tasso, e que se acha á venda, que tem por titulo a epigraphie desta noticia, que já annunciamos neste jornal. O elogio ao nosso compatriota, só de uma imaginação como a de Thomaz Ribeiro.

«E' mais uma obra-prima do joven e inspirado poeta. Ha em toda a poesia uma sublimidade de pensamentos, uma elevação de sentimentos que só um genio como o do sr. Thomaz Ribeiro teria o condão de escrever. Cada pensamento é uma inspiração divina, cada phrase uma expressão celeste, cada palavra uma idéa sublime.

Vêde essas duas sextinas, e vêde se ha nada superior:

As nobrezas d'outr'ora, são da historia, que em letras d'ouro illustra acções de guerra. Coreram tempos; transformou-se a gloria; mais val que a luz do incendio, a que illumina; mais faz que a espada ou lança, escopro e cerra; mais, que mil arsenaes, uma officina,

Hoje é o trabalho o campo da batalha; a industria faz plantão, fachina e guarda; soldado e general, é quem trabalha; é mais condecorado, o que mais faz; é-lhe bandeira: a sciencia; a blusa, farda; e santo e senha, — diligencia e paz.

E mais adiante quão bello não é o canto em que Thomaz Ribeiro descreve o immortal orador, o Demosthenes, o Cicero, o Bussuet portuguez, — José Estevão.

O outro... o amigo... o pae dos opprimidos... Quero dizer-lhe o nome e abafam-mo os gemidos!

Esse tribuno invicto; essa inspirada voz, que é a o terror, o encanto, de todos nós! Sabes? quem não conhece esse orador sublime? o abrigo da virtude; o raio contra o crime?!

Depois quando falla do valente e corajoso Joaquim Lopes vêde que energia emprega:

Mas deste honrado velho a grande acção qual é? porque teve honras taes? queres saber porque? Pergunta ao vagalhões do oceano revoltoso se elle tremen jámais antes o seu rouco iroso; se os filhos com seu choro, a esposa com seus ais com seu escuro a noite, o raio, os vendavaes, fizeram trepidar o velho ante o persagio, as luctas, o clamor, as ancias d'um naufragio.

Precedem a poesia da qual já demos, ao leitor, conhecimento de alguns dos melhores trechos, duas cartas do sr. Thomaz Ribeiro e uma do sr. Francisco Vieira da Silva.

O sr. Tasso foi quem recitou o poemeto do suave cantor do D. «Jayme» com toda a mestria e perfeição que se podia exigir.

Foi, portanto as «Novas Conquistas» mais uma brilhante perola engastada na corôa de auctor de Thomaz Ribeiro e na de actor de Tasso.

Costumes Ingleses. — Diz o nosso estimavel collega da «Gazeta de Portugal»: Ha quinze dias perto de Shffield organisaram alguns ingleses uma partida de sôco. Amadores e combatentes chegaram á arena á hora ajustada. Já tinha havido o primeiro combate, e tinham sido escrupulosamente observadas todas as regras pre-cipitadas. Apareceram em campo para o segundo, um mancebo chamado K. Dawes e Billy Muck, «socador» de profissão. A lucta tornava-se séria, a aposta era de um guinéu. Ao cabo de vinte minutos Dawes recebia na garganta um sôco que o atirou ao chão. Dado o signal para recommençar o combate o mancebo apresentava-se em frente do seu adversario, mas começou a perder o equilibrio e caiu. Estava morto.

Todos fugiram deixando o cadaver. Em quanto que a policia procura o auctor de tão bom sôco para lhe dar o premio devido, os amadores de sôco elevam ás nuvens a destreza e a arte «social» de Billy Muck.

Descoberta na Bulgaria. — (Idem.) As novas explorações que mr. Rantz acaba de fazer nas provincias slavas do imperio turco, graças á munificencia do imperador d'Áustria, são ferteis em descobertas interessantes, tanto geographica como archeologicamente. O sabio viajante que chegou no principio deste mez a Nissa, patria natal de Constantino o Grande, teve a felicidade de encontrar muralhas, templos e banhos da antigo Naissus, do mesmo modo que a estrada que vae da cidade ao Danubio. Mr. Rantz tenciona passar o Chodscha-Balkan, visitar Nicopolis e a Ratiaria dos romanos, e depois voltar a Vienna pelo Danubio.

Gruta. — (Idem.) No termo de Mura, a trez leguas de Tarrasa, Hespanha, em uma propriedade chamada Villa, foi descoberta uma gruta cheia e stalactites stalagnites magnificas pela sua grandeza, brilho e variedade de côres.

Algumas pareciam arvores de coral de diferentes côres, outras apresentavam um aspecto cristalino; havi-as em forma de copos, que toda a gente diria serem de neve, mas que se desfaziam ao mais leve contacto dos dedos, convertendo-se em pó brilhante.

Estas preciosidades foram em parte destruidas, porque os vizinhos foram em romaria á gruta descoberta e cada um trouxe de lá uma lembrança.

Felizmente o proprietario lembrou-se de mandar pôr uma gruta e de a mandar guardar a tempo de salvar alguns restos que ainda são preciosos.

Maldito amor. — (Idem.) Em um quarto de uma hospedaria de Bade foram ha dias, encontrados mortos um mancebo e uma menina.

A policia procedeu a indagações e soube que eram dois amantes que haviam fugido de suas casas por acharem da parte das familias grande opposição ao laço que ambos ambicionavam.

Um dia de amor e depois a morte!

Jsto é muito romantico; mas não se deve imitar.

Monumento a D. Pedro IV. — Lê-se na «Revolução de Setembro»: A commissão encarregada de levar a effeito a edificação do monumento ao immortal duque de Bragança na praça do seu nome recebeu até ao dia 2 do corrente nove projectos para o mencionado monumento esperando ainda mais alguns projectos que forem entregues aos consules portuguezes em Paris, Turim e Bruxellas. Logo que aquelles chegarem serão todos expostos ao publico n'uma das melhores salas a fim de serem convenientemente examinados e discentidos.

Experiencia de physica, chymica e mechanica. — (Idem.) No dia 30 do mez passado reuniu-se, nas salas do conservatorio dos officios e artes, em Paris, grande numero de convidados para assistirem a brilhantes experiencias de physica, chymica e mechanica. Os instrumentos do conservatorio, que deviam de funcionar, estavam nas galerias dispostos por sua ordem. Duas das galerias em as quaes se achavam as machinas hydraulicas — invento admiravel que prova que a arte possui o condão de imitar as cousas naturaes — offereciam um aspecto surpreendente.

Em uma sala, a da bibliotheca, viam-se todos os systemas dos processos de telegraphia, de gravura; — instrumentos de acustica, lentes de grande alcance, etc.

N'outra sala, deparava-se com as machinas de coser e bordar, — mãos de ferro incangaveis que vieram em auxilio das mãos dos operarios.

A galeria destinada para a exposição dos modelos da arte de tecidos, ornada com os retratos do modesto artista Jacquart, e a sala de preleções — estavam alumindas a luz electrica.

Assistiram áquella soirée mais de duas mil pessoas; entre ellas grande numero de damas trajando elegantes toiletts.

Dos homens havia muitos dos mais celebres na sciencia, nas artes e na litteratura.

Boa resposta de um critico. (Idem.) Ha poucos dias o auctor de uma comedia fortemente censurada pela critica encontrou no theatro um dos noticiarios que peor o haviam tratado, e disse-lhe com o entono de um ignorante teimoso:

— O sr. julga as obras dos demais quando é incapaz de escrever sequer uma scena de uma comedia.

— Assim é. Tambem os juizes de direito julgam todos os dias as obras dos ladrões e assassinos, e são incapazes de fazerem o mesmo que elles.

Suspiros. — (Idem.) A mulher é o ser que mais suspira no mundo. Na infancia vem-lhe a supirar por um brinco que só serve para a fazer chorar. Aos quinze annos suspira por um brinco chamado homem que só serve para lhe excitar o riso. Casada suspira por bailes, e espectaculos. Viuva suspira por um substituto do marido, e assim passa a vida a suspirar.

Ferimento, incendio e morte. — Lê-se na «Folha do Sul», jornal d'Evora: No dia 20 do mez passado, os vizinhos de Manoel Portalegre, trabalhador, encontraram-no em casa ferido com duas facadas no pescoço e outra no ventre. Ignorava quem o ferira, e das investigações feitas pela auctoridade competente não resultou esclarecimento nenhum quanto ao auctor e logar do crime. Sabia-se só que o ferido se embriagava frequentemente, e depois das facadas parecia ter desarranjado das facultades intellectuaes.

Pouco antes das duas horas da manhã do dia 4 do corrente mez, deram os sinos da sé signal de incendio, que foi em casa do mesmo Portalegre n'um palheiro, em que o encontraram ja todo queimado e sem vida. Parece que n'algum accesso de loucura se enfurecera contra as pessoas que tinha em casa, e que o deixaram só. Trancou então a porta por dentro e deitou-se no palheiro, a que voluntaria ou involuntariamente poz fogol.

Logo que os sinos deram o signal de incendio, compareceram as auctoridades no logar d'elle, e o sr. coronel do regimento de vavallaria com trinta soldados.

Moedeiro falço. — Lê-se no

«Braz Tisana»: No ultimo mercado da villa de Trancoso, foi preso e em seguida entregue á auctoridade, um individuo de Celurico, que se occupava a passar libras e meias corôas falsas.

Marques Pinto. — (Idem.) Este joven e distincto rebequista portuense, deu um concêrto em Coimbra, em que foi muito victoriado em todas as peças que executou.

Os jornaes d'aquella cidade fazem inteira justiça ao genio e talento do joven artista portuense.

Preço dos generos. — Damos em seguida o preço medio por que regularam na ultima semana os generos nos diferentes mercados dos concelhos deste districto:

AVEIRO

Trigo, alqueire 750 réis. = Milho 500 = Centeio 440 = Cevada 280 = Feijão 540 = Fava 300 = Batatas 200 = Sal o moio de razas 2\$500 = Azeite 2\$000 = Vinho 1\$500.

AGUEDA

Trigo, alqueire 780 = Milho 580 = Centeio 530 = Cevada 480 = Feijão 590 = Batatas 280 = Azeite 5\$400, o almude = Vinho 1\$360.

ALBERGARIA

Trigo, alqueire 820 = Milho 530 = Centeio 480 = Cevada 420 = Feijão 530 = Batatas 300 = Azeite 5\$500, o almude = Vinho 1\$920.

ESTARREJA

Trigo, alqueire 740 = Milho 500 = Centeio 500 = Cevada 340 = Feijão 520 = Batatas 240 = Azeite 5\$800 o almude = Vinho 1\$600.

FEIRA

Trigo, alqueire 1\$000 = Milho 680 = Centeio 560 = Cevada 560 = Feijão 960 = Batatas 440 = Azeite 5\$300 = Vinho 2\$000.

ILHAVO

Trigo, alqueire 800 = Milho 520 = Feijão 600 = Batatas 280 = Azeite 3\$900 = Vinho 2\$200.

OLIVEIRA D'AZEMEIS

Trigo, alqueire 960 = Milho 680 = Centeio 560 = Cevada 560 = Feijão 750 = Batatas 460 = Azeite 5\$250 = Vinho 1\$400.

OVAR

Trigo, alqueire 1\$060 = Milho 720 = Centeio 640 = Cevada 520 = Feijão 810 = Batatas 400 = Azeite, o almude 5\$400 = Vinho 2\$400.

Seja muito bem vindo. — Lê-se no «Nacional»: Vão-se uns e apparecem logo outros. Isto de publicações nesta terra dão o caso do bicho das sete cabeças, que mal lhe cahia uma, apparecia logo outra a substitui-la!

O «Jornal do Norte», aquelle sujeito que por ali andava embrulhado nos trapos do espolio do defunto «Correio de Portugal», deu ha dias a alma aos deuses da samsaboria, que o tinham mandado cá para este mundo.

Mas a balança não pende. Foi-se um jornal, já ali temos outro! E' de diversa indole, como o indica o seu titulo, que vem a ser «O Defensor dos Artistas», porém é uma gazeta!

A bandeira que desenrola aos ventos do destino, que oxalá que lh'a não rompam, traz escripto o seguinte: Protecção aos que trabalham!

É a todos os respeitos digno de consideração quem se apresenta com o proposito de tão nobre causa.

Parece que por amizade mesmo aos que trabalham, o nosso collega sae só ao domingo, para não distrahir ninguem das occupações da semana.

Agora uma cousa que se não percebe bem, é que este «Defensor dos Artistas» declara logo guerra no seu primeiro numero ao «Jornal dos Artistas».

Qual destes dois será o amigo dos que trabalham, é que se vae ver.

ANNUNCIOS, E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL.

Tendo o governo de S. M. mandado consultar a Associação Commercial d'Aveiro sobre o melhor meio de consiliar a iniciativa individual na criação de estabelecimentos bancarios com a segurança das más operações; — da parte da Direcção são convidados os socios para se reunirem em assemblêa geral, no domingo 13 do corrente, na sala do Club Aveirense, pelas 11 horas da manhã, afim de se resolver o mesmo assumpto, e sobre outros da competencia da Associação.

Aveiro, 10 de novembro de 1864.

O secretario

A. Pinheiro.

AVISO

A direcção da Associação Aveirense de Socorros mutuos das classes laboriosas, desejando commemorar o anniversario da morte do senhor **D. Pedro V**, o amigo e protector dos que trabalham, resolveu mandar dizer uma missa no dia 11 do corrente, pelas 9 horas da manhã, na igreja do mosteiro de Jesus.

São convidados por este aviso todos os associados para assistirem a este acto, e bem assim todas as pessoas que desejarem suffragar a alma do Rei muito amado.

Aveiro, 4 de novembro de 1864.

O secretario

Francisco Emilio da Luz e Costa.

AGRADECIMENTO

FRANCISCO JOAQUIM DE CASTRO CORTE-REAL, e seus filhos, da casa da Oliveirinha, não podendo pessoalmente agradecer a todos os illu.^{os} e exm.^{os} cavalheiros seus amigos, que no dia 4 do corrente concorreram, e honraram com a sua presença o acto funebre que se celebrou na igreja da freguezia da Oliveirinha, pelas exequias



Vende-se uma morada de casas altas, com 2 andares, e 3 portas de frente para a rua dos Balcoes, na praça desta cidade, e com loja preparada com estantes para commercio.

Viveu nella D. Rita Candida da Costa — Confrontam do sul com Francisco Antonio da Costa Guimarães, do poente com a dita rua, e do nascente com viella dos Carniceiros. Contrata-se a sua compra com D. Maria Dorothea Coelho de Magalhães, ou Manuel José Mendes Leite, desta cidade.

LIVRARIA

DE

J. DA SILVA MELLO GUIMARÃES

(Á esquina da rua de Jesus.)

Sahiram á luz e se acham á venda nesta livraria os **Sermões** de Joseph Gregorio da Camara Sivalo — Com uma introdução, por Camillo Castello Branco — 1 grosso volume: preço... 1:000

o **Maldito**, pelo padre **** — Tradução de F. F. da Silva Vieira — 3 volumes: preço... 1:600

Tambem nesta livraria se acham á venda as tabellas das medidas de capacidade, antigas, reduzidas ao systema metrico-decimil, e as deste ao antigo systema; para o districto de Aveiro em geral, e para cada um dos concelhos com especial.

BOUDOIR

PUBLICAÇÃO SEMANAL SOB A PROTECÇÃO DE S. M. EL-REI O SENHOR D. FERNANDO

COLLABORADORAS

As ex.^{mas} sr.^{as} D. Clotilde Palmyra de Miranda — D. Julia de Gusmão — D. Henriqueta Amelia de Menezes Costa

COLLABORADORES

Os srs. — Latino Coelho — Thomaz Ribeiro — F. Palha — Luiz Breton y Vedra — Ernesto Marecos — Pinheiro Chagas — C. Marianno Fróes — Eduardo Biester — R. Cordeiro — Santos Lima — E. Vidal — Cezar Machado — L. A. Palmeirim — Guilherme d'Azevedo — C. Cascas — Brito Aranha — E. Garrido — Pedro Videira — Souza Viterbo — Gomes Leal — e outros.

REDACTORES

Os srs. Lorena Queiroz — Luiz de Araujo — e Senna Fritas.

Este periodico, que tem merecido o bom acolhimento dos seus assignantes continua occupando-se de modas, muzica, litteratura, critica, theatro, etc; dá figurinos gravados em aço e coloridos pelos melhores artistas de Paris, os quaes são distribuidos muitos dias antes da chegada dos jornaes francezes; apresenta os seus assignantes com grandes folhas de debuxos para bordados de diferentes especies e com grandes folhas de moldes para diversos toillettes; continuam publicando um album muzical contendo pelos menos 76 paginas de muzica ineditas; e, se a concorrência das assignaturas animar a empreza, apresentará todos os melhoramentos precisos para se elevar á altura das primeiras publicações deste genero.

Nesta hypothese, publicará gravuras francezas representando diferentes trabalhos de crochê, etc, com as precisas explicações em portuguez.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Portugal (moeda forte)	Brazil (moeda forte)
Anno (serie de 48 numeros).....2\$800	Anno (incluindo o porte).....3\$800
Semestre (serie de 24 numeros)....1\$400	Semestre (incluindo o porte).....1\$900
Trimestre (serie de 12 numeros).....720	Numero avulso.....240

Para os srs. assignantes fóra da capital augmenta o importe das estampilhas. CONDIÇÕES: Pagas adiantadas; renovada em tempo competente para não haver alteração na remessa.

Assigna-se em Lisboa, no escriptorio da redacção — rua do Arco do Bandeira — n.º 39 - 2.º andar.

RESPONSÁVEL: — M. da S. C. Pimentel. — Typ. do «Districto de Aveiro.»

O novo campo, não obstante a nobreza do seu titulo, e os protestos da primeira pagina, contém na segunda uma verrina contra o sr. visconde de Lagoa, e vejam porque cousa havia de incorrer no seu desagrado, por causa de que lhe dedicaram um jornal, e por causa das eleições!

Móra o novo collega na rua da Cancellaria Velha n.º 62, e é impresso na typographia do sr. Teixeira, que é lá mesmo.

Commemoração funebre.

E' amanhã o anniversario da morte do chorado monarcha o senhor **D. Pedro V** de saudosa memoria, que a Associação dos Artistas Aveirenses commemora com uma missa de requiem.

A lembrança foi bem cabida, porque foi o senhor **D. Pedro V** um desvelado protector das classes artisticas.

A' manhã mais uma vez os artistas dobram o joelho, e vão verter uma lagrima de saudade pelo seu protector, e pelo Rei virtuoso, que faz dois annos passou da vida presente para o reino da gloria a receber o galardão das suas boas acções.

Reunião. — Consta nos, que em breve vai haver no lyceu nacional desta cidade uma reunião para se deliberar a respeito do ramal que a empreza do caminho de ferro tenciona fazer do Côjo a entroncar com a linha ferrea.

Já em tempo houve na camara outra reunião, para o fim de ligar a cidade com o caminho de ferro, porém discordaram as ideias, dizendo-se então por communicação fluvial, abrindo um esteiro, e agora diz-se um caminho de ferro americano.

E' uma questão importante, pois depende d'um grande melhoramento para esta cidade.

Asylo de infancia desvalida

— Tracta-se agora de levar á execução o sublime pensamento do grande orador **José Estevão**, d'um asylo d'infancia desvalida, para o que trabalham os srs. João de Mello e Freitas, dr. Francisco Thomé Marques Gomes, e Serafim Antonio de Castro.

Para esse fim já o immortal benemerito desta terra tinha obtido do governo uma quantia avultada, que destinava ao mesmo asylo em Santo Antonio.

Agora o asylo deve ser no hospital velho, pertencente á Misericordia desta cidade.

Confiamos muito dos cavalheiros a quem está confiada a realisação de tão grande pensamento beneficente.

Novos jornaes.

— Começaram a publicar-se no Porto dois novos jornaes, sendo o DEFENSOR DOS ARTISTAS, jornal semanal, dedicado ás classes operarias, e a PREVIDENTE, folha official da companhia assim denominada.

Desejamos-lhes longa duração.

O Defensor dos Artistas. — Recebemos o 1.º numero deste semanario.

Recomendamo-lo á classe a que é dedicado, e desejamos que se não affaste da divisa «protecção aos que trabalham» e que se não envolva em politica, impropria da classe a que se destina.

CORREIO

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 9 de novembro.

A opposição está suspirando pela vinda do sr. conde de Torres Novas, ao qual ella julga o seu Messias. Pouco tem já a esperar, por que o ex-governador geral da India prometter sair de lá em novembro. Mais 20 dias ou um mez e está a patria salva! Podem já ir fazendo a distribuição das pastas!

— O nosso bem conhecido Sette, amigo do sr. José da Costa, tambem anda mettido n'aquellas pequenas miserias. Lá escapava elle! Onde houver um enredo, um mexerico, procurem bem que lá encontrarão aquelle luminaria!

O caso é que o incomparavel Sette pôde dar qualquer dia com as ventas n'um sedeiro. O sr. duque de Loulé, apesar da sua muita dleidade, vai já afastando de si com asco aquelle mexeriqueiro que o persegue incessantemente, e não devemos admirar-nos se qualquer dia o sr. Sette receber a justa remuneração das suas gen-

tilezas, sendo encarregado simplesmente de copiar officios no ministerio do reino!

— A comissão encarregada de rever o codigo civil trabalha com affino e dedicação. Quasi 700 artigos estão approvados, e espera-se que este importantissimo trabalho seja apresentado á apreciação do parlamento na proxima sessão legislativa.

— Foi hontem recebido no palacio d'Ajuda por S. M. a Rainha, o sr. Marquez de Tagliacarne, ministro d'Italia nesta côrte, o qual foi apresentar á senhora D. Maria Pia um presente que lhe envia a cidade de Ravenna.

Consta o presente dos seguintes objectos: — uma copia em prata do tumulo do Dante, encerrada em um magnifico estojo de acácia, e que tem quasi um metro de altura; e um album com todos os retratos em gravura dos membros da familia de Savoia, desde os primeiros tempos até aos nossos dias.

— O sr. Pestana, ha pouco despachado para governador geral da India, parte proxivamente para o seu destino a bordo da nossa corveta de guerra «Estephania».

— O «Diario» de hoje traz a relação dos deputados eleitos este anno no continente e illhas, e provincias ultramarinas, com designação do numero de votantes em 1861 e em 1864. Este anno votaram a mais 31:842 eleitores.

Falta receber o resultado da eleição dos circulos de Angra, Villa da Praia da Victoria, villa das Vellas, Horta e Moçambique.

— Annuncia o mesmo «Diario» que no dia 11 do presente mez, se hão de celebrar, na igreja de S. Vicente de Fora, os officios e orações funebres por alma do senhor D. Pedro V, aos quaes SS. MM. tencionam assistir.

— Parece que ha desintelligencia entre o noticiarista do «Jornal do Commercio» e o sr. Pinheiro Chagas. E' o caso: O noticiarista sympathisa em extremo com a companhia italiana do theatro de S. Carlos, e acha-a excellente! Ora o sr. Pinheiro Chagas que não pensa do mesmo modo, vai discordando no folhetim da opinião do noticiarista! Isto não pôde continuar assim! Ora o noticiarista é mais antigo na redacção e não cede do seu empenho em achar magnifica a companhia; o sr. Pinheiro Chagas não recebe as indicações de ninguém, por tanto parece que sairá o sr. Pinheiro Chagas. Mas em fim pode ser que tudo se harmonize.

— Os concertos do Casino Lisbonense continuam todos os dias. Os arititas são excellentes bem como a musica, mas os preços de entrada é que não convidam. A concorrência pois tem sido escassa, por causa dos 500 réis de entrada. E' de crêr que o director baixe o preço.

— E' esperado em Lisboa o sr. Tabora, general de Braga, e que vem para vêr se é possível achar allivio aos seus padecimentos. Onço que para o substituir no commando da 4.ª divisão será nomeado o sr. Frazão general da brigada do Porto. Não ha outras noticias.

EDITAL

Francisco Antonio da Costa Guimarães, recebedor da comarca de Aveiro etc.

Faço saber, que tendo-me sido entregues pelo escrivão de fazenda do concelho de Aveiro os conhecimentos para a cobrança da contribuição industrial — pessoal, e decima de juros relativa ao anno civil de 1864 se acha aberto o cofre para a recepção por espaço de 60 dias, que começam no dia 8 de novembro do corrente mez, na minha morada na rua dos Mercadores desta cidade.

Findo o mesmo prazo, ficam desde logo os contribuintes, que não pagarem á bocca do cofre, sujeitos ao pagamento de tres por cento sobre suas collectas, applicados para a fazenda nacional; e em seguida serão avisados pessoalmente para pagarem no prazo que lhes for marcado etc.; findo o qual serão relaxados administrativamente.

Recebedoria da comarca d'Aveiro, em 1 de novembro de 1864.

Francisco Antonio da Costa Guimarães.